O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



# BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.4587656

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

# O NEGACIONISMO COMO ARTEFATO DA PÓS-VERDADE: BOLSONARO, A PANDEMIA E A EDUCAÇÃO

*Robson Lima de Arruda*[1]

**Resumo**

O presente artigo discute o negacionismo como um dos artefatos da pós-verdade. Para isso, parte de uma postagem da página Quebrando o Tabu, contendo algumas expressões ditas pelo Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, durante momentos distintos em que a pandemia do novo Coronavírus se alastrou pelo país, fazendo vítimas fatais. Nesse sentido, relaciona os discursos do Presidente com a perspectiva teórica de autores que pesquisam sobre pós-verdade, negacionismo e desinformação. Com base em Morin (2002, 2015) e Freire (1967, 2020), argumenta que a educação, enquanto ferramenta de conscientização, deve combater à opressão e eliminar cegueiras do conhecimento.

**Palavras chave**: Educação. Negacionismo. Pandemia. Pós-verdade.

**Abstract**

This article discusses negationism as one of the artifacts of post-truth. For this, part of a post on the page Breaking the Taboo, containing some expressions said by the President of Brazil, Jair Bolsonaro, during different times when the pandemic of the new Coronavirus spread throughout the country, making fatal victims. In this sense, it relates the President's speeches with the theoretical perspective of authors who research on post-truth, negationism and disinformation. Based on Morin (2002, 2015) and Freire (1967, 2020), argues that education, as a tool of awareness, must combat oppression and eliminate blindnesses of knowledge.

**Keywords**: Education. Negationism. Pandemic. Post-truth.



## UMA POSTAGEM COMO PONTO DE PARTIDA PARA PENSAR

Uma publicação nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, da página Quebrando o Tabu[2], em 20 e 21 de janeiro de 2020, respectivamente, trazia algumas expressões utilizadas pelo Presidente da República Jair Bolsonaro no contexto da pandemia do novo Coronavírus. As citações foram proferidas pelo Presidente em ocasiões diversas como entrevistas a jornalistas, transmissões ao vivo pelas redes sociais, postagens e pronunciamentos formais e informais. A publicação mencionada serviu, neste trabalho, como pretexto para a análise sobre o negacionismo do Presidente da República Jair Bolsonaro a respeito da Covid-19 no Brasil.

No corpo da discussão que tecemos, nos apropriamos do conceito de pós-verdade, cujo debate tem ganhado espaço na cena política brasileira da atualidade. Para isso, utilizamos a perspectiva trabalhada por Seixas (2019), Berckmeyer (2017), Medeiros (2017), Mantzarlis (2019), Cesarino (2018),

[1] Pedagogo. Mestre em Formação de Professores, bem como em Psicanálise Aplicada à Saúde e Educação. E-mail para contato: robsonlima13@hotmail.com

[2] A página Quebrando o Tabu foi lançada em 2011 para divulgar o lançamento de um documentário (que levava esse mesmo nome) sobre o impacto das drogas na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.

Fernandes *et al* (2020), entre outros. No contexto dessas discussões, destacamos o negacionismo como artefato da pós-verdade e, para tanto, inserimos o pensamento de Freire (1967, 2020) e Morin (2002, 2015) como premissa para pensar a formação de uma consciência política crítica e autônoma.

Até o fechamento da escrita deste artigo, a publicação na página do Quebrando o Tabu tinha tido, no *Facebook*, 18 mil comentários e 32 mil compartilhamentos. No Instagram a publicação com o mesmo conteúdo tinha atingido 385 mil curtidas e 13.600 comentários. Na íntegra, o texto da postagem do Quebrando o Tabu mostrava 28 expressões ou posturas usadas pelo Presidente Jair Bolsonaro desde que o Brasil anunciou seus primeiros mil mortos pela pandemia até a marca das duzentos e onze mil vidas ceifadas pela doença. Os recortes das falas e posturas do Presidente Bolsonaro se inserem num contexto discursivo negacionista com traços de sarcasmo, condutas irresponsáveis, desinformação e minimização da pandemia e suas trágicas consequências.

A postagem do Quebrando o Tabu reuniu algumas das falas e posturas mais polêmicas do Presidente Bolsonaro e foi publicada da seguinte forma:

"1.000 mortos - "gripezinha"
5.000 - "histeria"
10.000 - "não sou coveiro"
20.000 - "e daí?"
30.000 - "todo mundo morre um dia"
35.000 - "vamos parar de divulgar números"
40.000 - "invadam hospitais e filmem leitos vazios"
50.000 - "hidroxicloroquina salva"
100.000 - "vamos tocar a vida"
115.000 - "bundão tem mais chance de morrer"
122.000 - "Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina"
135.000 - "Conversinha mole de ficar em casa é para os fracos"
154.000 - "...a vacinação contra o novo coronavírus não será obrigatória"
156.000 - Vacina chinesa não transmite segurança "pela sua origem"
162.000 - 'País de maricas'
170.000 - 7 milhões de testes "esquecidos"
172.000 - "Pergunta pro Vírus"
175.000 - Porquê da pressa pela vacina da Covid-19
179.000 - "Finalzinho da Pandemia"
180.000 - Confisco da vacina
182.000 - "Vacinação obrigatória é antirrábica"
183.000 - "Para que essa ansiedade, angústia?"
191.000 - "Não dou bola para isso"

197.000 - “Mergulhei de máscara também, para não pegar Covid nos peixinhos”

198.000 - “o Brasil está quebrado ! Não consigo fazer nada!”

200.000 - “Lamento as 200 mil mortes, mas a vida continua.”

209.000 - "Não tem oxigênio, eu não posso fazer nada"

211.000 - “Apesar da vacina, ...”

Tá esperando mais o que Rodrigo Maia? (QUEBRANDO O TABU, Rede Social *Instagram*. Acesso em 25 de janeiro de 2021).

**Figura 1 – Publicação no *Instagram* do Quebrando o Tabu (21/01/2020)**




Fonte: Tabu (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKUSbF7FsrH>.



Claramente, a postagem do Quebrando o Tabu é um apelo ao impeachment do Presidente Jair Bolsonaro e podemos notar esse pedido na frase final da postagem: “Tá esperando mais o que Rodrigo Maia?”, uma menção ao Presidente da Câmara dos Deputados, que já recebeu 62 pedidos de impeachment, dos quais 56 estão em análise. Com isso, até aqui, Jair Bolsonaro se torna o segundo Presidente que mais recebeu pedidos de impeachment na história da República, sendo o que recebeu a maior quantidade em menor tempo.

Em todas as 28 frases da postagem, seguidas de uma sequência numérica da quantidade de mortos pela pandemia no Brasil, é possível constatar o negacionismo no discurso de Bolsonaro, através das explícitas e irônicas afirmações, algumas com “tom” de desdém, inadequadas para um Chefe de Estado num contexto tão sério como o que se impõe com a pandemia.

Em meio a esse imbróglio, o Presidente da República tem adotado posturas questionáveis a respeito da pandemia e isso pode ter influenciado o comportamento das pessoas em relação ao não isolamento social, sobretudo nos municípios onde ele recebeu uma quantidade maior de votos na eleição de 2018. É o que mostrou um estudo feito por três economistas da Fundação Getúlio Vargas e Universidade de Cambridge (AJZENMAN *et al.*, 2020). Usando dados de geolocalização de 60 milhões de aparelhos celulares, cruzados com informações dos resultados das eleições presidenciais de 2018, os

pesquisadores observaram que os níveis de adesão à quarentena ou isolamento social foram menores nas cidades onde Jair Bolsonaro teve mais apoiadores nas eleições que lhe elegeu. Nesses municípios, a quarentena caiu até três pontos percentuais nos dias 15 e 24 de março, quando o Presidente participou de manifestações pró-governo e contra o Congresso Nacional, em Brasília e, dias depois, em pronunciamento nacional, quando criticou a quarentena e o fechamento das escolas, respectivamente (CERIONE, 2020).

Mas o que há por trás das afirmações expressas publicamente pelo Presidente da República Jair Bolsonaro? Que implicações elas podem ter na percepção dos brasileiros acerca da pandemia? Até que ponto a postura da maior autoridade do país é (ir)responsável diante do contexto pandêmico que atravessamos?

De início, é preciso ressaltar que este trabalho não pretende responder sistematicamente a estas indagações, haja vista não se tratar de um estudo com metodologia apropriada para tal. Todavia, este texto é lançado no propósito de problematizar algumas questões que, a nosso ver, oferecem pistas para compreender o fenômeno da pós-verdade, ancorado em pilares diversos, dentre eles, o negacionismo.



## PORQUE PÓS-VERDADE?

No contexto das eleições presidenciais dos Estados Unidos que elegeram Donald Trump Presidente e no referendo sobre a saída do Reino Unido da União Europeia, ambos em 2016, a palavra pós-verdade ou "pós-fato" ganhou significativo espaço nas discussões políticas e acadêmicas em todo o mundo (SEIXAS, 2019; FERNANDES *et al.*, 2020). Não à toa, no mesmo ano, o termo foi escolhido pelo *Oxford English Dictionary* e pela *Society for the German Language*, respectivamente, como a "Palavra do Ano". A despeito do termo, os especialistas no assunto afirmam que "a política e a mídia se tornaram tão polarizadas e tribais que os cidadãos rejeitam quaisquer fatos com os quais discordem" (MANTZARLIS, 2019, p. 92).

De acordo com o próprio dicionário *Oxford*, o prefixo "pós" tem representado, nos últimos anos, em vez de *após*, algo que imprime irrelevância ou desimportância (SEIXAS, 2019). Em termos gerais, a pós-verdade configura um cenário em que as evidências científicas são substituídas por "verdades alternativas" e as opiniões, crenças e convicções pessoais são supervalorizadas em detrimento da heurística. Nesse sentido:

> o uso articulado das redes tem a capacidade de reafirmar crenças, antes adormecidas ou não vocalizadas, e dar maior força às narrativas difusas, que, muitas vezes, contrapõem os lugares de fala da ciência e do jornalismo, por exemplo (FERNANDES *et al.*, 2020, p. 7).

Para Medeiros (2017), a pós-verdade ou *post-truth* é um conceito em que os "apelos emocionais e que mobilizam crenças pessoais são mais eficazes para conquistar a opinião pública do que os fatos objetivos" (MEDEIROS, 2017, p. 23). Todavia, para Berckemeyer (2017) e Medrán (2017) esta é apenas a reelaboração de algo que já existia e que chamamos de mentira, farsa, engano e falsidade. Nesse entendimento, "a pós-verdade nada mais é do que o reino da mentira" (MEDRÁN, 2017, p. 33). É "um frasco novo que, por acaso, quer parecer contemporâneo – 'pós-moderno' – para um vinho tão antigo quando a opinião pública" (BERCKEMEYER, 2017, p. 26).

A despeito da noção de pós-verdade, Rosales (2017) argumenta que se trata daquilo que é aparentemente verdadeiro, mas que é apresentado como sendo mais importante do que a própria verdade. Segundo o autor:

> A pós-verdade deturpa os princípios básicos da convivência humana, como o culto à verdade e à honestidade, e favorece as atitudes que se valem do engano e da mentira ou das meias-verdades para que se prevaleçam seus interesses e vontades. A verdade é ou não é. Não existe a meia-verdade nem mesmo a verdade subjetiva. Falar de 'minha verdade' é um atentado à razão. Pode haver opiniões e sobre este assunto cabe a mais ampla liberdade para que cada pessoa emita a sua, sobre qualquer assunto (ROSALES, 2017, p. 49).



É pertinente observar que determinadas crenças podem tornar as pessoas propensas a sustentar suas próprias opiniões ou convicções quando elas se tornam relevantes para si mesmo, ou seja, um viés de confirmação. Nessa direção, um experimento psicológico realizado na década de 1950, com jovens de duas escolas americanas, mostrou que o envolvimento emocional provoca influência na forma como vemos o mundo. Colocados para avaliar as faltas feitas durante um jogo de futebol americano entre as equipes de suas respectivas escolas, os pesquisadores notaram que houve uma maior propensão em enxergar como corretas as faltas aplicadas no time da escola rival (MANTZARLIS, 2019). Com isso, ressalta-se que "a grande questão da pós-verdade é a superação da 'verdade dos fatos' pelo estabelecimento da convicção" (SEIXAS, 2019, p. 133), ou seja, pura conveniência de quem ama os seus próprios valores e odeia os valores opostos. Nesse sentido, o que é passível de ser acreditado condiz com a conveniência do que lhe é familiar. E quando não o é, um dos artefatos utilizados é a negação.

Na psicanálise, a negação configura como um mecanismo inconsciente de defesa do ego para "fugir" de questões com os quais a psique não quer entrar em contato ou do qual deseja se afastar para evitar algum tipo de sofrimento ou repressão. Há semelhanças, portanto, com o negacionismo, pois, segundo Morin (2015), nosso sistema de ideias (teorias, doutrinas, ideologias) comete erros, mas pode tentar protegê-los. Para ele, "está na lógica organizadora de qualquer sistema de ideias resistir à

informação que não lhe *convém* ou que não pode assimilar. As teorias resistem à agressão das teorias inimigas ou dos argumentos contrários" (MORIN, 2015, p. 22, grifo próprio).

Ao mecanismo de nossa mente que dialoga com o mundo externo e tende a proteger e os erros e ilusões, afastando, esquecendo, deixando de lado tudo que contradiz o sistema, Morin (2002; 2015) chamou de racionalização. Todavia, a razão também corresponde à racionalidade que "é o diálogo incessante entre nossa mente, que cria estruturas lógicas, que as aplica ao mundo e que dialoga com este mundo real" (MORIN, 2015, p. 70). Nessa perspectiva, "a verdadeira racionalidade, aberta por natureza [...] é o fruto do debate argumentado das ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias" (MORIN, 2002, p. 23).

No Brasil, o cenário das eleições presidenciais de 2018 acentuaram o fenômeno da pós-verdade, em face da performance populista do candidato Jair Bolsonaro, à época filiado ao PSL, cuja campanha se deu basicamente em um contexto digital[3]. Nessa seara política, o "jogo" entre racionalidade e racionalização das militâncias pró e contrárias ao então candidato, produziu implicações substanciais no debate travado nas esferas sociais e, principalmente, midiáticas.

De acordo com o Instituto Datafolha, às vésperas do primeiro turno, 60% dos eleitores do candidato Jair Bolsonaro se informava pelo aplicativo *WatsApp*. Já o BigData/Avaaz, em outra pesquisa, havia apontado que 98,21% dos seus eleitores haviam sido expostos a, pelo menos, um conteúdo falso durante a eleição. Desses eleitores, 89,77% acreditavam ser verdade (CESARINO, 2018). Cumpre ressaltar que, segundo Cesarino (2018), parte desses conteúdos não era necessariamente falso, mas distorcidos, não confiáveis ou retirados do contexto. Nesse entendimento, é acertado falar em desinformação, um conceito que nos aproxima da pós-verdade ou que pode ser entendido como uma de suas facetas.



Para Pinheiro e Brito (2014), a desinformação compreende a ausência de informação, informação manipulada e engano proposital. Destarte, este conceito subjaz uma amplitude e diversidade de significados e "é empregado para definir a ausência de informação e o ruído informacional, ao mesmo tempo em que faz às vezes de dar sentido a informação manipulada para as amplas massas com o papel de manter sua alienação" (PINHEIRO; BRITO, 2014). Chama atenção o fato de que a desinformação é um fenômeno complexo e possui origens intencionais, ou seja, é uma "performance" ideológica que forja uma determinada versão dos fatos, com fins específicos de desinformar, confundir e alienar.

A pós-verdade é um artefato que empreende consciência e intenção da parte de quem o utiliza como recurso manipulatório. Desse modo, pode-se afirmar que mentiras, *Fake News*, manipulação,

[3] Nas eleições presidenciais de 2018, o PSL, partido do candidato eleito Jair Bolsonaro, não tinha apoio de partidos políticos tradicionais, por isso, contou com pouco tempo de TV. No primeiro turno, possuía apenas oito segundos no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral. Dessa forma, a campanha de Jair Bolsonaro se deu, basicamente, pela forte presença nas redes sociais com pautas polêmicas e discurso populista, disseminação deliberada de FakeNews, discurso de ódio e ataque às "minorias" (FERNANDES *et al.*, 2020).

desinformação e negacionismo fazem parte desse conjunto de discursos (SEIXAS, 2019; FERNANDES *et al.*, 2020).

## NEGACIONISMO, DESINFORMAÇÃO E O POPULISMO BOLSONARISTA

O negacionismo bolsonarista (não somente de Bolsonaro, mas de grande parte de seus apoiadores) é um comportamento que vem sendo adotado desde a campanha política das eleições de 2018 até os dias atuais. São declarações do tipo: "não houve ditadura no Brasil[4]", "o Nazismo é de esquerda[5]", "os portugueses nem pisaram na África[6]", a fome no Brasil "é uma grande mentira[7]", que não há desmatamento na Amazônia[8], etc.

Para Neher (2019), esse movimento configura uma tentativa de revisionismo histórico, em curso no Brasil, que parte de integrantes do governo Jair Bolsonaro e seus apoiadores. Tal movimento busca "legitimar os seus projetos políticos a partir de uma visão distorcida da historiografia acadêmica praticada por historiadores no Brasil e no mundo com base em métodos científicos" (NEHER, 2019). Não à toa, um dos mais repetidos argumentos do Presidente da República é de que há no país uma suposta "doutrinação ideológica" implantada pela esquerda e que, por isso, seria necessário "desesquerdizar" escolas e universidades.



As instituições acadêmicas e científicas, aliás, tem sido alvo constante do Presidente Bolsonaro, numa tentativa de intervir ideologicamente nestas organizações. É o que pretendem, por exemplo, os ideólogos defensores do projeto Escola Sem Partido[9] quando anunciaram que é preciso combater uma suposta doutrinação ideológica nas escolas brasileiras. Entretanto, "nas entrelinhas do Projeto Escola Sem Partido, acham-se evidentes os interesses de impor o que seus próprios defensores afirmam combater: a doutrinação ideológica" (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020, p. 55). Depreende-se daí, que tais investidas consistem, também, em instituir um mecanismo de desinformação.

Considerando o contexto político brasileiro das eleições de 2018, Cesarino (2018) afirma que a "desinformação" em massa, disseminadas em mensagens e publicações que circularam numa "ecologia

[4]Para Bolsonaro não houve Ditadura no Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/para-bolsonaro-nao-houve-ditadura-no-brasil>. Acesso em: 30/01/2021.

[5] Bolsonaro diz não haver dúvida de que nazismo era de esquerda. Disponível em: <https://g1.globo.com/ politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 30/01/2021.

[6] Portugueses nem pisaram na África, diz Bolsonaro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ poder/2018/07/portugueses-nem-pisaram-na-africa-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 30/01/2021.

[7] Bolsonaro: Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html>. Acesso em: 30/01/2021.

[8] Bolsonaro diz que não há 'sequer um hectare de selva devastada' na Amazônia. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/22/bolsonaro-diz-que-nao-ha-sequer-um-hectare-de-selva-devastada-na-amazonia.ghtml>. Acesso em: 30/01/2021.

[9] O Projeto Escola Sem Partido, inscrito pela Lei nº 867/2015, propõe, entre outros pontos, coibir o que eles chamam de "doutrinação ideológica" por parte dos professores e garantir que a educação escolar esteja de acordo com as convicções da família.

das mídias" composta por grupos de *WatsApp* e plataformas como *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, *Instagram*, entre outros, teriam possibilitado a ascensão de Bolsonaro ao cargo de maior responsabilidade política do país. Nesse sentido, a autora considera que as narrativas negacionistas e "antipetistas" ou, em sentido mais amplo, "antiesquerdistas" ganharam vasta adesão devido a diversos fatores: necessidade de reforçar as próprias convicções, confiança nos emissores das mensagens repassadas mais do que nos conteúdos propriamente, necessidade de disseminação de informações e uma espécie de "guerra de informação" (CESARINO, 2018). É como se as pessoas sentissem que precisam ser os primeiros a dar uma notícia, a compartilhar algo que parece ser positivo, alertar, "informar" para parecer "informado". Nesse entendimento, "o importante é dar um clique e transmitir manchetes que, via de regra, apontam culpados, criam bodes expiatórios e oferecem soluções rasas para temas complexos" (MEDEIROS, 1997, p. 24-25). É "querer sempre se valer em detrimento de outras, na busca incessante pelo estabelecimento de uma única verdade ou, ao menos, uma verdade superior" (SEIXAS, 2019, p. 136).

Além disso, no senso comum, questiona-se a paradoxal suposta alienação dos ditos "esclarecidos" como insinuação de que o letramento intelectual ou acadêmico asseguraria, de alguma forma, uma oposição ao conservadorismo, extremismo ou a condutas dessa natureza, geralmente associadas às ideologias extremistas, sobretudo as de extrema-direita. Entretanto, não há garantia de que os elevados e aprofundados níveis acadêmico e intelectual conduzam os indivíduos a uma postura de não alienação. Nesse sentido, cumpre ressaltar que a alienação não reside apenas no "objeto" não conhecido, mas no sujeito que o ignora e se põe à margem do conhecimento real, objetivo e concreto ou que, conhecendo-o, o nega, como um mecanismo reacionário de suas próprias convicções morais.



Nessa perspectiva, nos parece que o que define o *modus operandi* cognitivo, crítico e consciente de um indivíduo não se resume apenas às possibilidades de seu "esclarecimento intelectual". Trata-se, também, de algo que pressupõe a formação da personalidade, dentro de uma ecologia complexa que provavelmente antecede os processos de formação da consciência política intelectualizada. Desse modo, "somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia e, eu diria mesmo, de possessão pelas forças ocultas que não são simplesmente as do inconsciente trazidas à luz pela psicanálise" (MORIN, 2015, p. 67-68).

Cumpre, ainda, destacar, que as razões de tantas adesões ao "revisionismo" bolsonarista ou pregação populista de fácil captação e apelo emocional, precisam de um aprofundado estudo qualitativo. Por hora, ressaltamos o fato de que Jair Bolsonaro tornou-se um slogan, uma marca chancelada pelos seus apoiadores que o chamam de "mito" devido ao seu discurso populista e a ênfase na sua

"personalidade" como o candidato "sem papas na língua". Nesse contexto, marcado pela simplificação de pautas complexas:

> tudo parece simples e de fácil resolução: basta armar o cidadão e matar todos os bandidos para resolver o problema da segurança pública; basta eliminar a esquerda e a militância para resolver todos os problemas de corrupção do país; basta eliminar os direitos trabalhistas e privatizar para todos terem emprego e poder de compra; basta eliminar a suposta doutrinação marxista e gayzista nas escolas para acabar com a promiscuidade, a delinquência juvenil e o suposto declínio de valores familiares; basta se aliar aos países certos para impedir a derrocada da civilização cristã ocidental; basta eleger o presidente certo para resolver todos os problemas do país (CESARINO, 2018, p. 21)

Para Weffort (1967) populismo significa, também, autoritarismo e manipulação. "Os populistas, apesar de suas vinculações com as massas, não podiam deixar de ser também membros da elite, intermediários entre as classes dominantes e as classes populares" (WEFFORT, 1967, p. 20). Nessa perspectiva, o populismo "é um mecanismo de redução da complexidade baseado no código binário amigo-inimigo, que visa construiu e estabilizar um sistema líder-povo isolado de um entorno visto como potencialmente ameaçador" (CESARINO, 2018, p. 13).

De acordo com Cesarino (2020):



> Tipicamente, o mecanismo populista é colocado em operação por uma liderança carismática que emerge em contextos de insatisfação generalizada, alegando vir de fora do sistema e se colocando como paladino da ruptura e da mudança (CESARINO, 2020, p. 98).

Para a autora, as eleições presidenciais de 2018 marcaram o surgimento do que ela chama de populismo digital, um conceito usado para definir uma abordagem sistemática, planejada e direcionada, um aparato ou mecanismo de mobilização digital e uma tática política de construção de hegemonia (CESARINO, 2020; 2018). No pleito que elegeu Bolsonaro o Presidente do Brasil, a autora considera que as redes sociais e, especificamente, o *WatsApp* foram os principais veículos de informação sobre os candidatos.

## EDUCAÇÃO DESALIENA, LIBERTA E REVOLUCIONA

No atual cenário de digitalização crescente, em que as pessoas se "informam" pelas redes sociais, sites e aplicativos de mensagem, observa-se o crescente aumento de cidadãos que se sentem qualificados para "opinar" sobre coisas, fatos ou pessoas. Nesse contexto, "as redes sociais deram megafone e audiência, no debate público, a milhões de pessoas que, antes, podiam participar dele apenas dentro dos alcances limitados de suas casas, trabalhos e bairros" (BERCKMEYER, 2017, p. 27). Destarte, essa

nova conjuntura vem acompanhada de um debate sobre pautas moralistas e a deslegitimação das fontes profissionais autorizadas. Nessa seara, o que se observa é "um desejo de manutenção das identidades e das verdades que lhe são convenientes para tanto" (SEIXAS, 2019, p. 133).

Com base nesse cenário, Medrán (2017) sugere que lancemos nosso olhar sobre o tipo de uso que as pessoas fazem da internet e não apenas sobre a ferramenta comunicativa como suporte de acesso a informações diversas. Para ele, "o que devemos analisar é porque permitimos que aqueles que querem construir a sua realidade à base de mentiras podem fazê-lo" (MEDRÁN, 2017, p. 33).

No entendimento de Medeiros (2017), o contexto de pós-verdade é irreversível e "atropela um espaço que poderia favorecer a convivência e o diálogo" (MEDEIROS, 2017, p. 23). Para Freire (1967), o diálogo nasce de uma matriz que gera confiança, esperança e criticidade. Ele se opõe ao antidiálogo que pressupõe uma relação vertical de A *sobre* B. O diálogo, ao contrário, consiste em uma relação de A *com* B. É esse mesmo diálogo que o dominador recusa e esmaga na opressão que realiza. Contra ela, se faz necessária uma revolução consciente e crítica que se sobreponha à consciência ingênua e impeça o fanatismo destrutivo (FREIRE, 2020). Nessa perspectiva, o caminho que apontamos é a educação:



> Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio "eu", submetido às prescrições alheias (FREIRE, 1967, p. 90).

Nesses tempos de pós-verdade, *fake-news* e "fatos alternativos", uma educação de formação crítica deve favorecer o pensamento e estimular a:

> inquisição sobre uma ampla gama de questões; preocupação em se tornar e permanecer bem informado; prestar atenção às oportunidades de usar o pensamento crítico; confiança nos processos de investigação fundamentada; autoconfiança nas próprias habilidades de raciocinar; mente aberta em relação a visões de mundo divergentes; flexibilidade na consideração de alternativas e opiniões; compreender opiniões de outras pessoas; imparcialidade em avaliar o raciocínio; reconhecer e enfrentar honestamente os próprios preconceitos, vieses, estereótipos ou tendências egocêntricas; prudência ao suspender, fazer ou alterar julgamentos; disponibilidade para reconsiderar e revisar visões onde uma reflexão honesta sugere que a mudança é justificada (ABU-FADIL, 2019, p. 79)

Assim, urge a necessidade de desenvolver processos de autonomia, evitando transplantar ou tomar emprestadas soluções externas para os problemas de seu contexto, visto que, se não nascem da análise crítica do próprio sujeito, "resultam inoperantes". Não obstante, é preciso romper com o "mutismo" brasileiro, arraigado na história de nossas "inexperiências democráticas", originadas em processos de mandonismo, protecionismo, paternalismo e dependência (FREIRE, 1967).

Somente uma educação libertadora pode romper com as correntes da opressão e eliminar os erros, ilusões e cegueiras (MORIN, 2002). Por isso, acreditamos numa racionalidade aberta capaz de autocrítica, de diálogo amoroso, contestadora e reconhecedora da "justa raiva" contra as injustiças e a opressão e a favor das liberdades (FREIRE, 2018).

## CONCLUSÕES

No decorrer deste texto adentramos o conceito de pós-verdade, a partir da conduta negacionista do Presidente da República Jair Bolsonaro em relação à pandemia da Covid-19. Ao utilizar, como ponto de partida para a análise, uma postagem da página Quebrando o Tabu, no *Facebook* e *Instagram*, sobre expressões e posturas do Presidente durante o aumento de casos e mortes pela pandemia, quisemos enfatizar a discussão no campo das mídias sociais, para ilustrar o que, em tese, viabilizou a chegada de Bolsonaro à Presidência: a campanha midiática.

Durante a pandemia do novo Coronavírus, o negacionismo se reflete na tentativa de desinformar a população, contrariando e desrespeitando a ciência, os órgãos competentes de saúde (a OMS e o próprio Ministério da Saúde, por exemplo), no desdém diante das vidas ceifadas e na falta de interesse pela vacina[10] (Cloroquina cura Covid?).



Todavia, é preciso perceber que este tipo de postura em nada tem a ver com uma suposta ignorância "gratuita" ou pura incompetência e irresponsabilidade. É tudo isso combinado com uma conduta que assenta em pressupostos ideológicos característicos de governos populistas. No caso em tela, trata-se de um Presidente que foi eleito acenando comportamento autoritário, negacionista, conservador, opressor, necrófilo, preconceituoso, misógino, homofóbico, machista etc.

Se é possível esboçar algum tipo de esperança na reconciliação do Brasil com a sua humanização, ousaríamos dizer que a educação é a chave. Nesse sentido, é preciso uma práxis educativa, que possibilite aos homens e mulheres deste país refletir e agir para transformá-lo; que lutem contra a domesticação, o fanatismo e a opressão, reconhecendo o seu lugar na história e busquem ser livres e humanizados; que dialoguem abertamente e em processos de racionalidade e não de racionalização; que se "levantem" diante dos absurdos e das injustiças.

[10] "´Não dou bola pra isso´, diz Bolsonaro, sobre Brasil estar atrás na vacinação contra Covid-19". **Folha de São Paulo** [26/12/2020]. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>. Acesso em: 21/01/2021.

**REFERÊNCIAS**

ABU-FADIL, M. "Combate à desinformação e à informação incorreta por meio da alfabetização midiática e informacional (AMI)". *In*: IRETON, C.; POSETTI, J. (orgs.). **Jornalismo, Fake-News e Desinformação**: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Paris: UNESCO, 2019.

AJZENMAN, N.; CAVALCANTI, T.; DA MATA, D. "More Than Words: Leaders' Speech and Risky Behavior during a Pandemic". **SSRN** [22/04/2020]. Disponível em: <https://papers.ssrn.com> Acesso em: 25/01/2021.

BERCKMEYER, F. "A mentira da pós-verdade". **Revista Uno: Desenvolvendo Ideias**, n. 27, março, 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br>. Acesso em: 20/01/2021.

CERIONI, C. "Palavras importam: estudo revela como Bolsonaro prejudicou isolamento". **Exame** [01/05/2020]. Disponível em: <https://exame.com>. Acesso em: 26/01/2021.

CESARINO, L. "Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil". **Internet & Sociedade**, n. 1, vol. 1, 2020.

CESARINO, L. **Populismo digital**: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018 (Parte I: metodologia e teoria). **Academia** [2018]. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 25/01/2021.

FERNANDES, C. M.; OLIVEIRA, L. A., *et al*. "A pós-verdade em tempos de Covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram". **Liinc em Revista**, vol. 16, n. 2, 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

MANTZARLIS, A. "Verificação dos fatos". *In*: IRETON, C.; POSETTI, J. (orgs.). **Jornalismo, Fake-News e Desinformação**: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Paris: UNESCO, 2019.

MEDEIROS, A. "Os perigos da indiferença à verdade". **Revista Uno: Desenvolvendo Ideias**, n. 27, março, 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br>. Acesso em: 20/01/2021.

MEDRÁN, A. "No reino da pós-verdade, a irrelevância é o castigo". **Revista Uno: Desenvolvendo Ideias**, n. 27, março, 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br>. Acesso em: 20/01/2021.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

NEHER, C. "O negacionismo histórico como arma política". **Deutsche Welle [03/04/2019].** Disponível em: < www.dw.com/pt-br>. Acesso em: 25/01/2021.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. "Em busca do significado da desinformação". **DataGramaZero**, vol. 15, n. 6, 2014.

ROSALES, F. “Pós-verdade: uma nova forma de mentira”. **Revista Uno: Desenvolvendo Ideias**, n. 27, março, 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br>. Acesso em: 20/01/2021.

SEIXAS, R. “A retórica da pós-verdade: o problema das convicções”. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 18, abril, 2019.

WEFFORT, F. C. “Educação e Política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade”. *In*: FREIRE, P. (org.). **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.



# BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 15| Boa Vista |2021

http://www.ioles.com.br/boca

**Editor chefe**:

Elói Martins Senhoras

**Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

**Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima